

O Poder de Clara

Valéria Medeiros Gasparello*

Não sei se a gente vive só no ontem. Parece que no presente também, o provável é que vivemos todos no futuro mesmo, até a morte. O que eu vi, na verdade não vi, porque não morava nela, nem a conhecia direito. Na época, era sua vizinha, ainda sou, por mais estranho que isso possa parecer. Nossos apartamentos são, portanto, iguais e daí a minha tentativa de contar o que não se deu, talvez não tenha sido tão complexo assim, mas o nada me assusta e julgo interessante criar teias, nem que sejam finas, enquanto a chuva não vem.

Lembro que estava muito cansada, era de tarde, e o sol já começava a dar chance às sombras. Bebi um suco de maracujá e fui ler as novas tragédias e corrupções que dormiam no jornal, logo este que era tão indiferente à vida quanto à onda que recua. E foi então que ouvi um grito isolado e fora de lugar. Voz de criança. O mundo parou ali. Esperei outro grito, e veio, mas era o do pai pedindo ajuda. Compreendi tudo, não sabia o que fazer, mas corri, corri pra dentro de Clara.

Já tinham passado dois minutos mas uma corrente espalhou-se dentro e fora dela. Preciso dizer que Clara era um papel em branco. Todos respiravam forte naquele momento, menos ela. Estava afogada em ar. Expirar era muita vida, decisão; pode-se criar a própria história? Ela restava ali. Sabia que tinha que agir. Precisava. Clara chamava Clara. Entupida de ordens, entornou. Mas essa água não era de correr até ficar rente, equilibrada. Entornou-se em chãos dentro dela, fez-se lama. Sei que ouviu os berros ao redor. Com certeza ouviu, quem não ouviria? Seus pés continuavam agarrados ao carpete marrom (eu soube da cor depois). Nunca percebeu com tanta distinção o quanto ela era dividida. Era aquilo ela? Uma morte unida? Desprezou. Ela me silenciava também.

- Isso não está acontecendo, não está. Ele vai estar aqui sempre, crescendo, meu filho querido.

Quando ouviu o marido berrar da janela da sala, que ela tinha que correr, que Pedrinho estava em perigo numa queda iminente, que ela teria que agir rápido junto dele, que tinha que abrir a porta para os vizinhos, Clara parou o mundo. Eu corri. Clara só precisava destrancar a porta da sala. Só.

* Aluna do Curso de Letras Português/Francês, na Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

*Não e não! E não. **Eu** não posso. Não está acontecendo.*

Mas ela já estava em outra sala, prédio, cidade, planeta; outro tempo. O pavor de Clara deslocou-a para *um* futuro. Lia o que não estava escrito. O futuro de Clara enfrentava o seu presente. Modificava?

Dois minutos e dez segundos e o prédio foi ficando pequeno pra tanta gente. Muitos olhos, muitas línguas, braços tentavam abrir a porta. O mundo fazia o seu escândalo. De onde vem a força pra abrir uma porta?

Quando a vi no espelho do elevador, eu soube que Clara era um tronco de árvore que crescia. Assim ela permanecia entre a porta e a janela. Uma ponte sem margens. Se ela não tinha pés nem mente pra ajudar o marido, que estava debruçado no parapeito da janela, outros, com certeza, do outro lado da porta, no corredor do prédio, poderiam ajudá-lo! Ele finalmente não se bastava a si mesmo. Ela viu isso? Era só dar um passo para o futuro ou para o presente e tudo se resolveria. De um jeito ou de outro, tudo se resolve, tudo se dissolve. Pisei numa formiga que morreu na hora.

Seu marido Ernesto era áspero, mas tudo muito gentil, tudo muito muito, de sentir raiva açucarada; mas ele ajudava com as compras. Ele ser tão cordial, tão forte, tão perspicaz e tão o avesso de Clara que talvez ela até hoje não saiba o que os tinha enlaçado. Talvez por ele conhecer os motores de todos os carros, de todas as pessoas, muito mais do que ela própria conseguia entender suas unhas que cresciam sem ajuda; ou talvez fosse mesmo amor o grande laço que os tinha embrulhado. Todo tigre é mais do que vemos. Clara só tinha as unhas, o resto era tudo menos? *Por que ele precisava de mim?* Pensou Clara, eu a ouvi claramente.

- Clara, faz alguma coisa! Não temos tempo pra mais nada!

Como um foguete, a frase a lançou em outro planeta, de outras gravidades. E cada um de nós sempre guarda escondido um planeta. Única habitante. Mas por um milagre, de e como um rádio antigo abafado por travesseiros, ouvia, mesmo assim, grunhidos de socorro; ouvia de já não ter ouvidos, disso não tenho dúvidas.

- Dona Clara, abra a porta, deixa a gente ajudar o seu filho! Seu Ernesto não vai agüentar! Batiam demais na porta. O Pedrinho pode cair! Abre, dona Clara, pra gente entrar!

Já sabia que era árvore plantada, e isso eu já contei.

Ora, por que não arrombam logo esta maldita porta de imbuia?! Ela não podia, não podia! Destrançar era coisa impossível! Não se aprende isso na escola!

Eu confesso que me sentei, esperando a vida passar; minhas mãos queriam rezar mas só tocaram-se. A mulher de baixo teve tempo de me contar tudo o que pensava saber. Que Clara sempre ouvia do pai, da mãe, da irmã mais nova, e do marido também, que ela não conseguia fazer nada sozinha. As coisas mais simples! *E não sabia mesmo!* Como é que se aprende? Quando que de dentro da sonolência a gente fica esperto? Achei que a pergunta era outra: quando que de acordado de repente a gente dorme? A Clarinha era aquela hora do dia que já era escuro, completava. *Deixa que eu faço isso, mãezinha, Clarinha, filhinha, amorzinho, você não vai conseguir!* Foi muito mimada, concluiu, isso não vai prestar!

Pedrinho, seu preciso filho, um super-herói que escolhia e decidia: comprava material escolar sozinho, isso era muita coisa pra mãe, sabia.

- Clara, a porta, vem agora!

Ficamos em pé. Gritou-se numa língua viva até. Sempre se tem companhia. A vizinha de baixo, era a vizinha da infância, que era sua prima. Quando criança, ela brigava agarrando-se no cabelo da prima e da irmã, até o chão. Contou também que Clara ficava com muitas raízes na mão. Castigo vinha pra todas. Doía mais o castigo de se ter tanta energia, pensei. Correr, puxar e abrir, isso é que estava na vez. Chega, vou pro final: *-Abra a porta, dona Clara!* A voz do Seu Cristóvão tinha um quê de heroísmo barato. O prestativo seu Cristóvão que tinha ensinado Pedrinho a fazer pipas.

Como Pedrinho foi fazer aquilo? Andar no parapeito da janela! E por causa de uma pipa? Seu Cristovão não tinha o direito de ensiná-lo a fazer pipas! Pipas voam. Meu filhinho. Ajudem meu filho, pelo amor de Deus! Pedrinho.

Quem não pensou nisso lá, naquele momento? Eu o fuzilei, ele morreu três vezes na minha frente.

A primeira volta na bicicleta sem rodinhas tinha sido o auge, eu só lembro disso, dela vivendo pra mim, me contando sua alegria. Dizia que Pedrinho fazia tudo tão bem, tão certinho, tão seguro! Que o mundo era seu filho Pedrinho! *Uma parte muito sua,* concluía, *capaz.* Seu filho era sua capacidade. E ela era feliz mesmo, aparentava. Ela vivia como um braço vive, com seus dedos, vendo as unhas crescerem, lixando aqui, cortando ali,

pintando, lavando. Via Pedrinho andar de bicicleta, pular, sorrir, ir ao dentista, ele estava virando homenzinho! Clara crescia. *Sim, nasci pra ser semente!* Dizia-se temperos.

- *Dona Clara, seu marido não vai agüentar, o Pedrinho está escorregando, acode dona Clara! Os bombeiros ainda não chegaram, abre que tudo passa. Depois a gente vê novela!*

O tempo e o medo, cabo de guerra. A corda-Clara! O medo gastava tempo ali com a gente, ganhava. E medo é o que não existe e o que tira da gente o viver presente. O medo é uma fantasia, o que não aconteceu. Três minutos! O tempo estava de braços cruzados, deixando Clara ser deus? Tudo agitava-se. Todo mundo coçou a cabeça e perguntou pra que é que somos.

De repente Clara voltou e disse: - *Meu Deus!* Mas o lado de fora despertou com fúria, com gritos demais, sem pausas. Eu não estava mais ali. Meu Deus? Isso era hora! O que fazer com frases assim? Pra que se tinha que viver aqueles momentos ali? Por quê? Desmaiamos em pé. O silêncio era Pedro. E ele pediu forte:

- *Mãe, tô com medo! Vem! Me tira daqui tô com medo!!! Papai não agüenta mais! Nem eu, mãeeee!*

Às vezes o que filho tem demais dentro da mãe é voz, nunca sai, não cortam. Ele queria o medo dela, inteiro. Deixá-la vazia. Sabia disso do mesmo jeito que ninguém sabe nada. Criava.

- *Mãe!*

Clara duvidou. *Medo, ele? Nunca, meu super herói.* O marido disse que parece que ela recuou, multiplicou. O medo só pra ela. Dois e dois já não eram cinco há muito. O que ela nunca queria, mais queria agora. Pedro era único. Tudo menos dois. A porta era má, a mão suada do marido era má, a pipa era e seu Cristóvão também, mas eu vi tudo por debaixo da porta. Clara ganhou força, soubemos. Bondade era sentir raiva, soubemos. E uma coisa bem dentro dela mexeu-se, tão dentro que já estava fora, assistindo a tudo: razão. *Entra!!!* Até quem não rezava, rezou. Ora ora, altivo e envolvente, o medo passeava pelas pernas de Clara, distribuía beijinhos de paralisia. Fome de guerra dentro. A boca mordeu-se, *volta, Clara!* Eu me vertiginava, tudo se vertiginava. Dizem que o corpo ajuda, que ele sabe, ela já tinha ouvido isso em algum lugar, eu mesmo já tinha dito isso pra ela, num descida rápida de elevador, numa descida de montanha-russa. Mas Clara não sabia deixar. Como alguém pode não agir numa situação dessas? tão simples! O sufoco ajuda, tudo ajuda. Vida

tinha, e energia? Mas ela viu, de repente, que a janela zombava, eu não. E isso não podia! E a janela foi feroz: - *Você vem, Clara?* Parece que Clara só dava passos para o certo **sim**, mas como colecionava **nãos**, restava. Quase três minutos! O marido de costas, debruçado, a camisa tremessuava. Clara entendeu o que diziam, que ela estava muito perto do marido, que tudo dependia de um passo, que dava pra tocá-lo, muito perto. Mas que se ela preferisse, tinha uma coisa fácil que ela podia fazer: abrir a porta e só, que maravilha! Tudo se arranjaria! O tempo trazia mais tempo, mas não ajudava, o futuro estava ali, antes do presente. Incoerências. Mas Clara começou a arrastar-se, , não duvidamos disso, e sua alma pedia presente, , todos exultaram nesta hora, tudo passou, já acabou, não aconteceu, o que são três minutinhos em nossa vida? agora é só abraçar todo mundo, beber cerveja! Viu como passou rápido? Acabou!

Respondeu à janela: *vou conseguir.*

- *Pai, não consigo mais...*

-*Clara!*

Clara pausa. *Não, de novo, não.*

Tão fácil olhar pela janela e tirar fotografias. As coisas ficam eternizadas somente pro nosso prazer. A foto de Clara. O poder de Clara. A folha ainda não era cinzenta. Não via isso? O que via?

-*Não posso mais Clara, pelo amor de Deus, faça alguma coisa, o Pedrinho está escorregando!* Cinco segundos.

Eu não posso, Ernesto...

Um eu-não-posso-com-o-poder-de-ter-poder escapuliu de dentro dela pra dentro dela mesma. E todos ouvimos. Decidiu-se? Um escorregadio movimento, uma lambida do tempo liberou o som que assustou pessoas vivas e mortas. Quinto andar. O choro do pai foi o eco. Depois outros. O dela? Senti que seu corpo desobediente estava sendo sacudido. *Acabou, acabou...* Mas ela ainda estava dentro da antena da formiga. Pode sair! Ordenavam marcha soldado, cabeça de papel... Mãos estúpidas machucaram seus ombros flácidos. E ela era esposa de médico, e já tinha fios brancos. Os pés largaram o tapete marrom. Estávamos todos em câmera lenta. Ela encontrou-se com alguns olhos, eu não quis vê-los; olhos aturdidos, impertinentes, perdidos, um deles estava preocupado. Fechou os seus e viu de lá.

Não sei
Foi
Deus
Ela não
Como
pôde?
Sim-não
Se
Pedrinho

Muitos anos de horas passaram. Um par de olhos menores, quase pretos, quase que encostaram aos seus. Sei que ela tinha sido proibida de entrar, mas escapuliu também. Sentiu o cheiro daquele cabelo macio. Era Joana, sua filha caçula. Mãos minúsculas tocaram no braço espantalho de Clara e uma vozinha rompeu sua bolha: *Mãe, fica assim não, Pedrinho foi visitar papai do céu, mas ele volta. Foi visitar papai do céu, tendeu? Ele quis colocar fralda de novo...*

Ao presente.

Eu não posso com o poder de ter poder?

Depois, muitos minutos de anos depois, Clara ouviu rumores de que o tempo era vivo. Que podia tocar nas cordas do tempo? Ela não sabia e tomou uma água com açúcar. Era tudo a partir de.

